CÍRCULOS DE CULTURAS DA INFÂNCIA (CRIA): A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO COMO PESQUISA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luiz Felipe Souza da Cruz
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
luizcruz0805@gmail.com
Ester de Jesus Moura
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
estermoura.ls28@gmail.com
Sirlene Prates Costa Teixeira
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, BA, Brasil
spteixeira@uneb.br

EIXO 1: INFÂNCIA, POLÍTICAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo

Este trabalho emergiu da experiência de estágio, por meio do componente curricular Pesquisa e Estágio na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII. O campo de atuação foi uma Escola Municipal de Educação Infantil de Guanambi, Bahia. Orientado pela questão: Como ampliar o conhecimento cientifico das crianças acerca dos insetos por meio dos contextos de experiência? A pesquisa teve como objetivo analisar a participação e a produção de saberes das crianças acerca dos insetos, por meio dos contextos de experiência. O estudo apoiou-se na abordagem pedagógica dos Círculos de Culturas da Infância – CRIA que contempla os saberes prévios das crianças como ponto de partida para a prática pedagógica na Educação Infantil. Os dados foram produzidos durante a observação participante e à docência compartilhada, por meio do desenvolvimento do plano de ação pedagógica, em uma turma de 5º período, composta por 22 crianças com idades entre 5 e 6 anos. Os registros ocorreram por meio de fotografias, gravações de áudios e anotações em diário de campo. Os modos de participação e as narrativas das crianças durante os contextos de experiência vivenciados evidenciam o interesse e o potencial investigativo dessas acerca de temática envolvendo elementos da natureza, como os insetos. Os resultados apontam que a abordagem do CRIA valoriza as crianças como protagonistas, produtoras de cultura e investigadoras. A experiência destaca a importância das práticas pedagógicas dialógicas, que possibilitam o contato das crianças com a natureza e que considerem seus interesses e saberes já produzidos.

Palavras-chave: círculos de culturas da infância; educação infantil; pesquisa de estágio; práticas pedagógicas.

1 Considerações iniciais

Este relato emergiu da experiência de estágio, por meio do componente curricular Pesquisa e Estágio na Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII. O campo de atuação foi a Escola Municipal de Educação Infantil Arco-íris[1], onde passamos três semanas com a turma do 5º período "A" matutino, desenvolvendo a pesquisa de estágio junto às crianças.

O ponto de partida da proposta de estágio foi a construção de uma base teórica a partir de estudos de autores e documentos que orientam o trabalho docente na Educação Infantil. Iniciamos com a leitura do livro *Círculos de Culturas da Infância: narrativas do cotidiano da Educação Infantil* (2024) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Em uma perspectiva de pesquisa, o estágio possibilitou a produção de dados por meio da inserção no contexto da instituição escolar, assim como a compreensão sobre como se dá a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil.

A BNCC (Brasil, 2018) estabelece que a criança tem o direito de conviver, brincar, expressar-se, explorar, conhecer-se e participar durante essa etapa da educação básica, que tem como foco o seu desenvolvimento integral. Isso implica que, para a Educação Infantil cumprir seu papel, é necessário que a criança seja compreendida como protagonista do processo educacional. Assim, as ações pedagógicas destinadas às crianças devem emergir de suas condições existenciais e das narrativas do cotidiano da Educação Infantil.

Analisamos falas, levantamos questionamentos e estruturamos um plano com contextos de experiência que permitiram às crianças brincar, explorar e interagir. A narrativa que fundamenta o plano de ação descreve uma vivência de investigação científica e contato com a natureza, desencadeada pelo encontro com um inseto chamado esperança, no pátio da escola. Ao levá-lo para a sala, as crianças compartilharam saberes prévios e formularam hipóteses sobre sua alimentação e habitat, demonstrando curiosidade científica.

Esse episódio evidenciou a importância de valorizar as vivências cotidianas como ponto de partida para a prática pedagógica. Assim, desenvolvemos propostas focadas nos insetos,

[1] Com o objetivo de preservar a identidade da instituição e dos sujeitos participantes, prezando pelo sigilo e cuidado ético na pesquisa, optamos pela utilização de nomes fictícios para a EMEI, os professores e as crianças.

especialmente nas formigas, com a intenção de ampliar os saberes infantis. Pretendíamos que as crianças mobilizassem seus conhecimentos prévios para representar formigas e formigueiros de diversas formas, articulando-os com o conhecimento científico e transformando a curiosidade cotidiana em epistemológica.

Para atingir esse objetivo, elaboramos um plano de ação com diferentes contextos investigativos, ampliando as experiências e os conhecimentos das crianças a partir de seu interesse pelos insetos. O plano foi desenvolvido entre 16 e 24 de setembro de 2024, e os dados foram registrados por meio de fotografias, áudios e anotações em diário de campo.

Nossa intenção, ao organizar contextos que abordassem o mundo dos insetos, foi possibilitar a interação das crianças com elementos da natureza, considerando o interesse pela temática e os seus saberes já produzidos. Tiriba e Profice (2018, p. 33) ressaltam que "as crianças, ao lançarem-se à natureza, afirmam a sua condição biofílica". Portanto, por meio dessa relação criança-natureza, destacamos a importância da conexão entre criança e meio natural como fator essencial para o desenvolvimento integral, sendo esse um dos objetivos da Educação Infantil.

Portanto, a organização dos contextos de experiência e as ações pedagógicas, tendo em vista o alcance do objetivo proposto, se apoiaram nos Círculos de Culturas da Infância – CRIA que é uma abordagem sistematizada por pesquisadores do Observatório da Infância e Educação Infantil - ObEI da UNEB, em diálogo com as pesquisas desenvolvidas por meio do Programa de Residência Pedagógica em Pedagogias e Culturas da Infância.

De acordo com a proposta do CRIA (Silva, Almeida, 2024), a prática pedagógica visa potencializar as ações da criança como sujeito produtor de cultura. Essa perspectiva rompe com a ideia da criança como mera consumidora das culturas adultas, reconhecendo-a como autora de culturas próprias, construídas nas relações e interações com o outro e com o meio.

No CRIA, o trabalho docente tem como ponto de partida situações sociais vividas pelas crianças. Durante o estágio, construímos narrativas a partir dessas situações existenciais, que fundamentaram nosso plano de ação pedagógica, respeitando os saberes e os interesses por elas demonstrados. Segundo Silva e Almeida (2024), a ação pedagógica apresenta um caráter cíclico, uma situação vivida gera outras experiências, que por sua vez sustentam novas ações

baseadas nos saberes construídos por meio das interações entre crianças e adultos. Trata-se de uma Educação Infantil que se retroalimenta, em um contexto em que as ações infantis sustentam os próprios planos pedagógicos.

Este texto está estruturado em quatro tópicos. O primeiro, como considerações iniciais, apresenta a temática da pesquisa, a questão e o objetivo que orientam o estudo. O segundo tópico apresenta o campo empírico com as informações sobre o cenário da investigação, o caminho metodológico e instrumentos de produção de dados. O terceiro tópico discute como a abordagem pedagógica do CRIA fundamenta o trabalho docente na Educação Infantil e está dividido em três subtópicos que, como resultados das análises e discussões, tratam dos contextos de experiência propostos. Por fim, o quarto tópico traz as considerações finais da pesquisa**.**

2 Caracterização do espaço formativo

A Escola Municipal de Educação Infantil Arco-Íris, inaugurada em 2024, atende turmas do 4º e 5º períodos da Educação Infantil, nos turnos matutino e vespertino. Durante o estágio, trabalhamos com a turma do 5º período “A”, composta por 22 crianças entre 5 e 6 anos, em dias alternados com os professores Theo e Maria, que atuaram como coformadores, oferecendo apoio e orientações.

Nesse sentido, a produção de dados no contexto investigativo inicia-se com a realização da observação participante, que teve a duração de 20 horas, em um período interrupto de uma semana. Os dados produzidos no contato com as crianças foram registrados em diário de campo e, a partir deles, construímos narrativas do cotidiano que emergiram das situações existenciais vivenciadas pelas crianças da turma. A narrativa que sustentou nosso plano de ação, intitulada *O bicho de Deus*, revelou o interesse das crianças pelos insetos. Nessa narrativa, as crianças encontram um inseto no quintal da EMEI e o levam para a sala referência, com o intuito de compartilhar o achado com o professor, os estagiários e com os colegas.

A escolha dessa narrativa para fundamentar o plano de ação considerou o fato de a temática dos insetos ter surgido em mais de um dia da semana. Além disso, o fascínio das crianças por esses seres não emergiu apenas no período do estágio. Em uma conversa realizada

com o professor Theo, como forma de buscar conhecer melhor o perfil da turma, ele relatou que o interesse das crianças por insetos já era evidente desde o primeiro semestre de 2024, o que demonstra o perfil investigativo próprio do grupo.

Após narrar e interpretar as situações vivenciadas, chegamos à seguinte questão orientadora: como ampliar o conhecimento científico das crianças acerca dos insetos por meio de contextos de experiência? Nesse sentido, a pesquisa no estágio teve como objetivo analisar a participação e a produção de saberes das crianças acerca dos insetos, por meio dos contextos de experiência.

3 Descrição e análise da experiência

No decorrer desta seção, analisamos os contextos que mais evidenciaram nossa proposta pedagógica para as crianças, sendo eles, o Contexto de Modelagem com Argila, o Contexto de Desenho por Observação e o Contexto Investigativo. O objetivo foi conhecer e possibilitar a ampliação dos saberes das crianças em relação aos insetos e suas peculiaridades, por meio de contextos de experiência. Afinal, quais saberes e sentimentos as crianças revelam em relação ao mundo dos insetos? Refletimos sobre como a abordagem dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA) considera os saberes prévios das crianças como ponto de partida para a prática pedagógica na Educação Infantil.

A partir disso, elaboramos propostas com o foco nos insetos, com ênfase nas formigas. Nossa intenção foi permitir que elas mobilizassem seus conhecimentos prévios para representar formigas e formigueiros de diferentes formas, articulando-os com o conhecimento científico, transformando uma curiosidade cotidiana em uma curiosidade epistemológica.

3.1 Modelagem com argila

O contexto intitulado “Modelagem com Argila” foi organizado em um ambiente externo à sala de referência, em uma pequena área coberta próxima à horta da EMEI. Como materialidades, foram disponibilizadas bacias com argila úmida, água e alguns palitos de madeira, utilizados como ferramentas para facilitar o processo de modelagem. A proposta feita às crianças foi a de modelar formigueiros. Observamos que elas molhavam suas mãos na água

para moldar a argila e, com o dedo ou com o palito, criavam aberturas que representavam a entrada dos formigueiros, como ilustrado na figura a seguir.

Figura 01: Crianças no contexto Modelagem com Argila (2024)

Fonte: Arquivo do estágio. Elaboração dos autores, 2024.

A abordagem CRIA (Silva, Almeida, 2024), concebida como um círculo dialógico, valoriza a escuta sensível e a observação atenta das interações infantis. Com base nesse princípio, optamos por desenvolver os contextos em pequenos grupos, pois percebemos que, em menor quantidade, as crianças conseguiam se envolver com mais profundidade nas propostas. Enquanto algumas realizavam a modelagem com argila, outras exploravam o contexto de desenho por observação. Assim, ao longo da manhã, todas as crianças passaram por ambos os contextos.

3.2 Desenho por Observação

O contexto de desenho por observação foi organizado na sala referência. Fixamos oito imagens de formigueiros e formigas reais em uma parede, na altura adequada ao campo visual das crianças. Disponibilizamos papel A4, lápis de cor, canetinhas e giz de cera em tons terrosos e avermelhados, possibilitando que elas representassem, por meio do desenho, formigas e formigueiros. Conforme propõe a BNCC (2017), é direito das crianças expressarem emoções, dúvidas e descobertas por meio de diferentes linguagens. Ao associar essa diretriz à capacidade infantil de atribuir significados ao que observam, propusemos o desenho, compreendo-o como

uma possibilidade lúdica e de desenvolvimento da linguagem artística, expressão da criatividade e da imaginação.

O contexto apresentado permitiu observar como as crianças compreendem e representam as formas e os formigueiros. Algumas retrataram tanto as estruturas internas quanto as externas, oferecendo diferentes perspectivas. Um aspecto que chamou nossa atenção foi o modo como uma das crianças desenhou formigas com rostos humanos. Essa representação evidenciou a necessidade de ampliar o conhecimento científico sobre a anatomia desses insetos, como pode ser observado na terceira imagem da figura 2.

Figura 02: Desenho feito pelas durante o contexto (2024)

Fonte: Arquivo do estágio. Elaboração dos autores, 2024.

3.3 Visita da Bióloga Fernanda Junqueira

Os contextos anteriores, nos quais as crianças exploraram as formigas e os formigueiros, revelaram suas curiosidades, interesses e conhecimentos. Ao adotarmos um olhar sensível, reconhecemos a importância de validar seus saberes prévios e ampliá-los em direção ao conhecimento científico, ou seja, promover a passagem da curiosidade empírica para a curiosidade epistemológica. Com essa intencionalidade, organizamos no plano de ação uma atividade especial, um dia em que as crianças receberiam a visita da bióloga Fernanda Junqueira para um momento de diálogo. Fernanda permaneceu durante toda a manhã com o grupo, sendo essa a segunda vez que visitava a turma do 5º período “A”.

Durante a roda de conversa, as crianças compartilharam seus conhecimentos sobre as formigas, conforme podemos ver nas falas a seguir: “As formigas constrói os formigueiros, as trabalhadoras” (Fábio – 6 anos); “E tem as guardas que protegem a rainha” (César – 5 anos). Após esse momento de escuta, o grupo se dirigiu ao pátio da EMEI para procurar formigueiros e realizar a coleta de algumas formigas.

De volta à sala referência, as crianças observaram os detalhes e características da anatomia desses dos insetos observados e coletados, por meio de um microscópio eletrônico. Em seguida, desenharam formigas com todas as partes do corpo em uma cartolina previamente disponibilizada. A bióloga aproveitou esse momento para nomear cada parte da anatomia observada, conforme pode ser visto na imagem a seguir.

Figura 03: Momento de desenho de formigas mediado pela bióloga Fernanda (2024)

Fonte: Arquivo do estágio. Elaboração dos autores, 2024.

A visita foi planejada com a intencionalidade de ampliar o conhecimento científico das crianças, colocando-as em contato com saberes culturalmente acumulados. Conforme destacam Silva e Almeida (2024), o CRIA é uma abordagem que promove a ampliação do vocabulário, das curiosidades e dos saberes infantis a partir dos patrimônios produzidos pela humanidade nos campos da arte, literatura, ciência e tecnologia. Essa troca de saberes alimenta a criação das culturas da infância, que emergem das relações sociais entre as crianças e os padrões culturais do mundo adulto, recriados por elas a partir de suas próprias vivências.

Ao colarmos os desenhos das formigas nas paredes da sala de referência, foi possível observar o contraste entre as representações anteriores, mais rudimentares, e as atuais, agora anatomicamente mais próximas das imagens reais. A mudança na estrutura dos traços das crianças para representar os insetos observados, assim como suas narrativas, evidenciou que seus saberes foram ampliados por meio das interações com os pares e dos diálogos durante dos contextos de experiências que foram propostos.

4 Considerações finais

A partir da experiência de estágio como pesquisa, aproximamo-nos do contexto da Educação Infantil para compreender como se organizam as práticas pedagógicas nessa etapa. Desde o início, reconhecíamos a importância de práticas que colocam a criança como protagonista e produtora de cultura, mas conduzir essa intencionalidade na prática mostrou-se um desafio. Os estudos prévios ao trabalho de campo nos levaram à abordagem dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA), que orientou nossa prática pedagógica. A escuta sensível durante o período de observação possibilitou planejar contextos de experiência alinhados aos interesses, curiosidades e necessidades das crianças.

Ao propormos os contextos aqui descritos, nosso objetivo foi ampliar os saberes das crianças sobre os insetos e suas peculiaridades. Concluímos que esse objetivo foi alcançado, sobretudo por meio das investigações sobre as formigas. Durante o estágio, as crianças vivenciaram diversas experiências, exploraram os espaços internos e externos da EMEI em busca de formigas, levantaram e testaram hipóteses, representaram formigas e formigueiros com diferentes materiais como terra, argila e lápis de cor, dialogaram com uma bióloga e conheceram, por meio do microscópio, a anatomia real desses insetos. Assim, ficou evidente a importância do contato direto com a natureza na Educação Infantil.

Ao final do estágio, percebemos que conseguimos contribuir de forma significativa para o desenvolvimento integral das crianças. Ao concebermos uma pedagogia com as crianças, e não para as crianças, evitamos cair em uma abordagem transmissiva que desconsidera os saberes infantis. O CRIA trata justamente disso, de um círculo dialógico que valoriza as contribuições das crianças e dos professores. No decorrer das duas semanas de desenvolvimento

do plano de ação, observamos que as crianças demonstraram e ampliaram seus saberes enquanto interagiam, brincavam e exploravam as materialidades disponíveis, de forma lúdica e criativa.

Destacamos, especialmente, a importância da organização dos espaços, um aspecto central nessa etapa da educação, por sua influência direta nas dinâmicas dos contextos. Pensar em experiências fora da sala referência e com pequenos grupos favoreceu uma escuta mais atenta às interações das crianças.

O estágio realizado como uma investigação do contexto educativo nos possibilitou a produção de novos saberes acerca do trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil e nos permite refletir sobre a importância das ações pedagógicas que, de modo intencional, reconheçam, valorizem os saberes e os interesses e as expressões, tendo em vista o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil. Brasília, 2017. Disponível em: https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf . Acesso em: 12 dez. 2024.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; Almeida, Larissa Monique de Souza (Org) **Círculos de Culturas da infância**: narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças Tupinambá: rios, colinas, bancos de areia e matas como lugares do brincar cotidiano. **Revista Teias**, *[S. l.]*, v. 19, n. 52, p. 28–47, 2018. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/30926. Acesso em: 12 dez. 2024.